As conjunções presentes nos contextos em que há alternância no uso dos modos subjuntivo e indicativo nas entrevistas do VARSUL no estado do Paraná

Edson Domingos Fagundes
Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)
edsondfagundes@utfpr.edu.br

Abstract: This study introduces subordinative conjunctions contained in the corpus of the research about oral language that raised "the occurrences of the subjunctive mode in VARSUL interviews in the State of Paraná and possibilities of variation with the indicative mode". With the conjunctions listed by GT as the starting point, the conjunctions contained in the 2,178 data of investigated sample are presented, with a stress on those with more frequent use, therefore considered more productive, and those whose occurrence can be regarded as innovation within the language, as it is the case with "vai que" and "vamos que", for example, not mentioned by the GT and found in oral language. Finally, from the examples presented, the possibilities for the work continuation are searched: *(i)* regarding the issue of speech and the students' production, a task that can be performed via Theory of Variation and Change, and *(ii)* by studying new conjunctions via the Grammaticalization Theory.

Key words: subordinative conjunction; indicative/subjunctive alternation; Varsul Project.

Resumo: Neste trabalho são apresentadas as conjunções subordinativas constantes no corpus da pesquisa sobre a língua oral que levantou "as ocorrências do modo subjuntivo nas entrevistas do VARSUL no estado do Paraná e as possibilidades de variação com o modo indicativo". Tomando como ponto de partida as conjunções arroladas pela GT, são apresentadas as conjunções presentes nos 2.178 dados da amostra investigada, destacando as que têm uso mais freqüente, e que, portanto, podem ser consideras mais produtivas, e aquelas cuja ocorrência pode ser tratada como inovação dentro da língua, como é o caso de "vai que" e "vamos que", por exemplo, que não são mencionadas pela GT e que são encontradas na língua oral. Por fim, a partir dos exemplos apresentados, busca-se apontar para as possibilidades de continuidade do trabalho: *(i)* tratando dessa questão na fala e na produção dos alunos, tarefa que pode ser realizada via Teoria da Variação e Mudança, e *(ii)* estudando as novas conjunções via Teoria da Gramaticalização.

Palavras chave: conjunção subordinativa; alternância indicativo/subjuntivo; Projeto Varsul.

1. Introdução

O ponto de partida para este trabalho é o *corpus* encontrado em FAGUNDES (2007), constituído a partir de entrevistas do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil) no estado do Paraná, e no qual se buscou analisar as ocorrências de modo subjuntivo e as possibilidades de variação com o modo indicativo. Neste conjunto de 2.718 dados verificou-se a ocorrência de uma quantidade razoável de conjunções subordinativas. Supondo que muitas delas poderiam estar condicionando o uso dos modos verbais estudados, procurou-se, enquanto trabalho acessório da pesquisa, realizar as seguintes tarefas: (*i*) primeiramente, fazer um levantamento dessas conjunções; (*ii*) em segundo lugar, identificar com quais conjunções estaria ocorrendo alternância no uso dos modos verbais; e (*iii*) se haveria ocorrência de alguma nova conjunção em uso nesses contextos. Os resultados encontrados, apresentados a seguir, destacam aquelas conjunções cujo uso é mais freqüente e que, em nossa opinião, podem ser consideras mais produtivas. Além disso, registramos algumas ocorrências que podem ser consideradas como inovação dentro da língua, como, por exemplo, *vai que* e *vamos que*, não encontradas na Gramática Tradicional (GT). Ao final do trabalho, são apontadas algumas possibilidades de continuidade, relacionando a tarefa já realizada, via Teoria Variação e Mudança, e o tratamento a ser dado às novas conjunções, via Gramaticalização.

2. O conjunto dos dados

A primeira observação que os dados nos permitiram realizar, diz respeito às conjunções encontradas no *corpus*. Ao prepararmos a lista das principais conjunções – a partir de ALMEIDA (1963) e de CUNHA & CINTRA (2005) – observamos que algumas das conjunções encontradas em nossa amostra não figuravam dentre as relacionadas pela GT. Por outro lado, uma boa parte das conjunções arroladas pelos autores não estava dentre aquelas encontradas em nossos dados. Por essas razões, e a

fim de verificar qual era a produtividade de algumas conjunções na língua oral, restou então fazer, acessoriamente ao nosso trabalho, o levantamento de todas as ocorrências de conjunções subordinativas presentes nos dados que analisamos. Desse levantamento constam as conjunções arroladas pela GT e as conjunções presentes nas ocorrências de nossa amostra.

Nesse levantamento, as conjunções subordinativas *adverbiais condicionais* constituem não só o conjunto com maior número de ocorrências, mas também aquele que apresenta um leque maior de conjunções sendo usadas pelos falantes. Por esta razão, do ponto de vista quantitativo, esse é o grupo mais produtivo. Na Tabela 1 encontramos a relação das *adverbiais condicionais* que somam 976 casos. Para facilitar a compreensão, apresentaremos, primeiramente, a relação de conjunções relacionadas pela GT e as encontradas no *corpus*. Em seguida, registramos os modos verbais com que cada uma ocorre: *modo subjuntivo*: MS e *modo indicativo*: MI.

TABELA 1 – CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS ADVERBIAIS *CONDICIONAIS*

CONDICIONAIS			
Relação da GT	Ocorrências no *corpus*	MS	MI
se	se	777	149
	(se)	10	
	só se	17	
	só que	01	
a não ser que	a não ser que	06	
	que	03	
	que de repente	01	
	caso se	02	01
	se caso	02	
caso	caso	01	
	que tal se	01	01
contanto que	contanto que	01	
a menos que	a menos que	01	
	vai que		01
	vamos que	01	
exceto se			
salvo se			
com tal que			
dado que			
sem que [= se não]			
desde que			

Deste conjunto, a conjunção *se* é a que se destaca, pois apresenta maior número de casos (787 para MS e 149 para MI). Além disso, o *se* pode também ser encontrado em locuções conjuntivas não arroladas pela GT como, como por exemplo *que tal se*, presente nos exemplos (1) e (2).

(1) Então se o pessoal vim me procurar aqui, daí eu vou investir aqui, e agora **que tal se** eu **fico** aqui e o pessoal não vem? (IRT13 M A PRI 0784)

(2) Escuta, **que tal se** nós **fundássemos** um- uma- um presídio só de- só de homem pra cuidar dos alcoólatras lá. (IRT 07 F B PRI 1210)

Outra conjunção presente nesses exemplos, e em outras locuções, é o *que*, também encontrada nas locuções conjuntivas *a não ser que, contanto que, a menos que*. Além disso, constatamos também ocorrências de novas locuções, cuja composição se dá a partir do *que*, como em *vai que* e *vamos que*, como nos exemplos (3) e (4).

(3) De bicicleta. Ele que acudiu. Você vê, é perigo pra ele também, né? **Vai que** o piá pisa num caco de vidro ou cai de mau jeito, né? É uma coisa que, né? (hes) era pra eles tomarem uma iniciativa e fazerem alguma coisa, né? (CTB 08 F B PRI 0160)

(4) (...) namorando, e fazendo proposta. [Ele não]- ele tinha sempre o pé atrás, pois ele- quando a gente está bem, né? Se **vamos que** não dê, se a gente dá um passo e não dê certo, né? Mas ele começou ver os ("pró, tá") e mudou. É a maior empresa de exportação do mundo. (PBR 11 F B SEG 0659)

Um outro conjunto de conjunções *adverbiais* que apresenta número significativo de ocorrências é o das *temporais* (92 casos), conforme se constata na Tabela 2.

TABELA 2 – CONJUNÇÕES ADVERBIAIS *TEMPORAIS*

TEMPORAIS			
Relação da GT	Ocorrências no *corpus*	MS	MI
quando	quando	32	06
enquanto	enquanto	14	02
desde que	desde que	14	
depois que	depois que	09	
até que	até que	04	01
antes que	antes que	02	
que	que	03	
	até quando	02	
	até que quando	01	
todas as vezes que	toda vez que	01	
	uma vez que	01	
cada vez que			
depois que			
apenas			
mal			
logo que			
assim que			
sempre que			
senão quando			
ao tempo que			
ao passo que			

Nesses dados o número absoluto de ocorrências é menor do que o de conjunções *condicionais*; além disso, não registramos nas *temporais* nenhuma nova locução, pois *toda vez que* e *uma vez que* são variações de *todas as vezes que*.

É digno de menção, ainda, em relação às *temporais*, registrar que há ocorrências de *a hora que* e de *o dia que*, utilizadas pelos falantes sempre em lugar da conjunção *quando*. A título de ilustração, o exemplo 5 nos apresenta um desses casos em que ora o falante usa *a hora que*, ora se vale de *quando*.

(5) Eu peg- pego às vezes quando eu estou brava falo: "Vocês vão ver a hora que eu morrer, se vocês-"porque eu não gosto de flor e nem vela, sabe? Não gosto mesmo! Vela tem um cheiro ruim, né? Flor tem um cheiro de defunto. (Risos E) [Eu nunca]- já sou uma defunta, agora ainda mais flor em cima de mim, aquele cheiro horrível assim no meu nariz. Ai Jesus! né? Eu não quero não. (risos F) E eu sempre digo aqui, né? Quando eu morrer eu não quero nem flor e nem vela. (risos F) (CTB 08 F A PRI 1034)

Vejamos a seguir as adverbiais *concessivas*. Na Tabela 3, e nas que se seguem, há redução ainda maior do número de ocorrências, reforçando a idéia de que, sob a perspectiva do uso feito pelo falante, as *condicionais* são de fato as mais produtivas.

TABELA 3 – CONJUNÇÕES ADVERBIAIS *CONCESSIVAS*

CONCESSIVAS			
Relação da GT	Ocorrências no *corpus*	MS	MI
mesmo que	mesmo que	14	
	mesmo se		01
por mais que	por mais que	09	01
embora	embora	04	02
	embora que	02	
nem que	nem que	05	
	nem (que)	01	
	por melhor que	01	
	por (mais) incrível que	01	
apesar de que	apesar (de) que	01	
quando			
ainda que			
dado que			
posto que			
conquanto			
quando mesmo			
por mais que			
quer...quer que			
por menos que			
por pouco que			
se bem que			
bem que			
seja que, seja que			

Como ocorreu nas *temporais*, é possível constatar também que o número das conjunções usadas na língua oral se reduz. Ou seja, quando comparamos com as conjunções encontradas no *corpus*, somente algumas conjunções mencionadas e relacionadas pela GT encontram expressão na língua oral.

Dentre as ocorrências aqui listadas, boa parte delas, de conjunções e de locuções, está relacionada pela GT. Desse conjunto da Tabela 3, podemos destacar *por incrível que* (*por mais incrível que*), com uma só ocorrência, como ilustra o exemplo (6):

(6) É. E por incrível que pareça, isso é verdade. Isso é- eu sei os nomes, né? (PBR 24 M B SEG 137)

Conforme mencionamos anteriormente, em muitas locuções pode-se notar a presença do *que*. Assim, também nas *concessivas* houve o registro de *que* compondo a locução, como em *embora que*, conforme o exemplo (7).

(7) (...) gente tem aquele vínculo, né? [de]- <a-> [de]- de parentesco então tem que conservar, embora que ele seja- só ele que tem [de]- de- Mas eu recebo muitos aqui, tenho parentes que moram em (...) (LDN 11 F B SEG 080)

Nessa ocorrência, a presença do *que*, ao que parece, funciona como um marcador de subordinação e segue a tendência já observada em outras conjunções *concessivas*, nas quais o *que* está presente ou é subentendido.

Destacamos, ainda, nesse conjunto de dados, uma única ocorrência envolvendo a conjunção *mesmo se*:

(8) E: Ah, é! Ainda vai ter que gastar advogado?
F: Claro. (inint).
E: Ah!? Mesmo sendo legítima defesa?
F: Mesmo, mesmo. Mesmo se estão lá te assaltando você chama nós, nós vamos lá e tal e nós corremos atrás dele aqui, ali e dali e (inint) e pagar um advogado. (LDN 015 M A GIN 965)

Antes de apresentar as conjunções adverbiais *comparativas*, é importante recuperarmos a observação feita por CUNHA & CINTRA (2005, p. 586). Ao classificarem as conjunções subordinativas, os autores chamam a atenção para o fato de que, para as comparativas, "a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* inclui ainda as conjunções conformativas e proporcionais, que a *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* não distingue

das comparativas". Isto posto, vejamos na Tabela 4 as adverbiais *comparativas*.

TABELA 4 – CONJUNÇÕES ADVERBIAIS *COMPARATIVAS*

COMPARATIVAS			
Relação da GT	Ocorrências no *corpus*	MS	MI
como se	como se	17	
	como (se)	07	
	igual se	01	
mais do que	mais do que	01	
do que	(se)	01	
	(do) que	01	
	(como) que	01	
que	(como) se		
(tal) qual			
(tanto) quanto			
(tão) quão			
(não) só			
(tanto) como			
(tão) como			
bem como			
que nem			
menos do que			
maior do que			
melhor do que			
menor do que			
pior do que			

Como se vê, para este conjunto de dados, a maioria das conjunções encontradas consta da lista da GT. Não descartamos, contudo, a possibilidade de que possa haver com esse grupo de conjunções e locuções a alternância no uso dos modos verbais; entretanto, só registramos ocorrências em que houve o uso categórico de *modo subjuntivo*. Há, ainda, dentre essas conjunções, pelo menos uma que não consta da lista dos gramáticos e que pode ser usada em lugar de *como se*, trata-se de *igual se*, conforme ilustrado no exemplo (9).

(9) A gente vê [que não]- que não rende bastante, né? Igual se tivesse feito uma natação. Mas não [deixa]- deixa distrair, né? (LDN FAPRI 0312)

Em relação às conjunções adverbiais *finais*, apresentadas a seguir, registramos as ocorrências de *que* e *para que*, muito embora a GT nos apresente um número pequeno de conjunções disponíveis para a construção de orações subordinadas adverbiais *finais*. Outra observação a ser feita, diz respeito ao fato de que essas ocorrências constituíram um dos contextos em que também houve o uso categórico do *modo subjuntivo*, como nos é apresentado na Tabela 5.

TABELA 5 – CONJUNÇÕES ADVERBIAIS *FINAIS*

FINAIS			
Relação da GT	Ocorrências no *corpus*	MS	MI
para que	(pra) para que	32	
que (= para que)	que	12	
porque (= para que)	porque	01	
a fim de que			

A seguir, na Tabela 6 encontramos a distribuição das conjunções *causais* que fazem parte da amostra. Ao compararmos a relação das conjunções encontradas na GT, contatamos que há um número significativo de conjunções para as quais não se registra nenhuma ocorrência. Assim, das conjunções listadas pela maioria dos autores, pode-se notar que houve em nossa amostra somente o registro de 3 ocorrências com *porque* e *que*. É importante destacar ainda que e em todas essas orações há o uso categórico de *modo subjuntivo*.

TABELA 6 – CONJUNÇÕES ADVERBIAIS *CAUSAIS*

CAUSAIS			
Relação da GT	Ocorrências no *corpus*	MS	MI
porque	porque	02	
que	que	01	
pois que			
porquanto			
uma vez que			
como			
já que			
sendo que			
visto como			
visto que			

O último conjunto de dados a ser apresentado é o das conjunções adverbiais *conformativas*. A distribuição dessas conjunções, conforme a Tabela 7, nos mostra que houve ocorrências somente com as conjunções *conforme* e *como*.

TABELA 7 – CONJUNÇÕES ADVERBIAIS *CONFORMATIVAS*

CONFORMATIVAS			
Relação da GT	Ocorrências no *corpus*	MS	MI
conforme	conforme	02	02
como	como	02	
consoante			
segundo			
da mesma maneira que			
de acordo			

Gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que nesse levantamento foram registradas e consideradas somente as ocorrências de conjunções e de locuções *subordinativas* presentes nos dados que atendiam aos requisitos da metodologia utilizada e que, portanto, somente estas estiveram sob a luz da descrição e análise que nos propusemos a realizar. Não descartamos, no entanto, a hipótese de que muitas das conjunções e locuções não encontradas possam ocorrer em contextos semelhantes, não registrados em nossos dados.

3. A questão teórica

A orientação teórica que norteou o trabalho em que se baseia esta reflexão (FAGUNDES, 2007) foi feita com base na Teoria da Variação e Mudança, ou Sociolingüística Variacionista, ou Laboviana.

Resumidamente, podemos dizer que para a abordagem variacionista, os dados são produzidos em circunstâncias reais e nos revelam como se constitui uma dada língua, bem como nos apontam os seus caminhos de mudança. Assim, ao assumir que as mudanças lingüísticas podem ter motivações sociais, os variacionistas admitem que os fenômenos regulares apresentem tendências regulares que podem ser descritas e explicadas por restrições de natureza lingüística e extralingüística dentro de uma determinada comunidade de fala. (LABOV, 1972; MONTEIRO 2000).

Ao proceder dessa maneira, a Sociolingüística Variacionista consolida o tratamento da variabilidade lingüística ao sistematizá-la, e, com isso, desmistifica a visão de que os fenômenos de variação são caóticos e, por conseguinte, impossíveis de serem analisados. A teoria da Variação e Mudança nos mostra justamente o contrário, isto é, que a heterogeneidade lingüística é sistemática e não aleatória: a variação é regulada e constitui padrões sociais e lingüísticos. Assim, o que distingue a Sociolingüística de outras teorias é justamente buscar explicações para o funcionamento e a estrutura da língua dentro da comunidade de fala.

A abordagem adotada, portanto, além de fornecer as explicações que buscávamos para o fenômeno então estudado, a alternância no uso dos modos verbais, *subjuntivo* e *indicativo*, possibilitou ainda que buscássemos estabelecer qual era o comportamento das conjunções em relação a cada um dos modos verbais estudados e,

ainda, detectar que havia algumas conjunções que não se encontravam listadas pela GT. Dentre essas conjunções não relacionadas pela GT, somos levados a crer que algumas delas se tratam de inovações dentro da língua, esse é o caso, por exemplo, de *vai que* e *vamos que*.

Considerando, ainda, que o estudo desse tema merece receber um tratamento que vise desvendar e apresentar explicações para o surgimento dessas novas conjunções; julgamos prudente encontrar uma outra ferramenta teórica, capaz de oferecer um caminho para o a continuidade da pesquisa.

No âmbito deste trabalho, não nos interessa entrar na discussão a respeito do fato de ser a *gramaticalização* uma teoria, ou de se constituir numa vertente dos estudos de mudança lingüística (GONÇALVES et al., 2007, p. 58), mas sim o fato de que pode se tornar esse novo caminho, tendo em vista que:

> Dentre os vários processos de mudança lingüística, a gramaticalização é considerada um dos mais comuns que se tem observado nas línguas em geral. A constante renovação do sistema lingüístico – percebida, sobretudo, pelo surgimento de novas funções para formas já existentes e de novas formas para funções já existentes – traz à tona a noção de "gramática emergente", concepção assumida de modo explícito ou não por vários estudiosos da gramaticalização. (RODRIGUES et al., 2007, p. 15).

Sobretudo, nos interessa caracterizar que o processo de gramaticalização pode ser resumido enquanto o fenômeno em que as unidades lingüísticas podem perder a complexidade semântica, liberdade sintática e substância fonética, que nos parece ser o caso das novas conjunções encontradas nos dados com que trabalhamos.

4. Conclusão

A discussão apresentada neste trabalho, além de explanar que caminhos podem ser tomados para uma possível compressão do comportamento das conjunções, em relação ao uso dos modos verbais, realizada por meio da adoção da Teoria da Variação e Mudança, buscou-se também indicar um roteiro possível para compreensão do surgimento de novas conjunções, que pode ser desenvolvido através da compreensão e do estudo da gramaticalização.

Acreditamos que as possibilidades apontadas podem servir enquanto ferramenta para a compreensão de fenômenos da linguagem, envolvendo a variação e a

mudança lingüísticas. Entretanto, também podem vir a se constituir em importante recurso para ser utilizado nas situações de ensino, em que se perceba e reconheça haver novas formas para funções já bem conhecidas.

Neste sentido, ao valer-se dessas ferramentas teóricas, ao professor cabe a tarefa de conduzir o aluno a refletir a respeito dos recursos lingüísticos que já domina, consciente ou inconscientemente, a fim de que possa adquirir, conforme TRAVAGLIA (2006), os recursos que ainda não domina. Desta maneira, é possível ao professor realizar um ensino marcadamente produtivo e não apresentar somente uma descrição da gramática ou dos usos lingüísticos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. M. de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 15. ed. São Paulo: Saraiva, 1963.

CUNHA, C. F. da; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. 13. reimpressão. Rio de Janeiro : Nova Fronteira. 2005.

FAGUNDES, E. D. **As ocorrências do modo subjuntivo nas entrevistas do VARSUL no estado do Paraná e as possibilidades de variação com o modo indicativo**. 2007. 220 f. (Doutorado em Letras-Estudos Lingüísticos) – Universidade Federal do Paraná.

LABOV, W. **Sociolinguistic patters**. Oxford : Basil Blackwell, 1972.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes. 2000.

RODRIGUES, A. T. C. et al. **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2006.